

CIRCO: DESAFIOS PARA A CONSOLIDAÇÃO CIENTÍFICA DE UMA ARTE SECULAR

A presente entrevista com o Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil) foi realizada em abril de 2018. Teve como objetivo dialogar sobre o avanço do circo como objeto de estudo e pesquisa, em meio a uma intrincada rede de relações políticas, sociais e históricas que ainda se antepõem à sua consolidação científica. Sua opinião problematiza o *status quo* do circo no Brasil e revela que, apesar de sua pujante situação no campo artístico nacional e internacional e do reconhecimento de seu valor cultural por parte da Unesco¹, as instituições brasileiras, incluindo as universidades, mostram-se resistentes e ainda pouco engajadas, dificultando o desejado reconhecimento acadêmico.



Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto
(Federação Internacional de Ginástica,
Lausanne, Suíça, 2017). Foto: Volker Minkus.

Rita de Cassia Fernandes Miranda

Doutora em Educação. Professora adjunta da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU, Brasil).

rita.miranda@ufu.br

Um peculiar percurso formativo e seu reflexo na atuação profissional

Trajetórias formativas precisam ser entendidas como um fluxo constituído por meio de experiências dialógicas de todas as naturezas, em todos os tempos da vida (Freire, 1980), conectando distintos âmbitos da vida (pessoal, familiar, profissional, acadêmico, etc.). No caso do professor Marco Antonio Coelho Bortoleto, sua trajetória esportiva, especialmente na Ginástica Artística, sua profissionalização como programador de computadores e finalmente, seu envolvimento com a arte, primeiramente com a música e depois com o circo, torna esse trajeto pitoresco.

Sua trajetória acadêmica é multifacetada e teve início em 1997, após finalizar a licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba, no interior do estado de São Paulo. O grande interesse pela ginástica de competição o levou para Campinas (São Paulo), onde defendeu sua dissertação de mestrado junto à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, em 2000. Nesse período, viagens particulares aos Jogos Olímpicos de Atlanta (EUA em 1996) e ao Chile (2000), essa última como integrante do Grupo Ginástico da Universidade Estadual de Campinas (GGU - Unicamp), foram fundamentais para a consolidação de sua já aguçada inquietude de pesquisa e de busca por novos horizontes².

Decidido a seguir pesquisando a ginástica, mais precisamente a ginástica artística de alto rendimento, ainda incipiente no Brasil naquela época, o pesquisador partiu para a Espanha, onde desenvolveu e defendeu, em 2004, sua tese de doutorado pela Universidade de Lleida (2004) no programa de pós-graduação do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (INEFC, Espanha). A orientação de dois importantes catedráticos espanhóis, Dr. Pere Lavega Burgués (Universidade de Lleida) no campo da Educação Física e o Dr. Carles Feixa Pampols (atualmente na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona) no âmbito da Antropologia Social, consolidou suas relações com acadêmicos e instituições espanholas, tornando-se peça central em sua trajetória acadêmica. Algo que repercute até os dias atuais e impulsiona fortemente o estabelecimento de outras parcerias internacionais, como veremos mais adiante.

Entre 2010 e 2011, realizou seu primeiro estágio de pós-doutorado, junto ao Laboratório do Centro de Estudos das Atividades Desportivas (CEAD) da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa (Portugal). Nessa oportunidade firmou parceria com o Prof. Dr. César Duarte Peixoto, também especialista em ginástica, rendendo algumas publicações (Bortoleto & Peixoto, 2014), inúmeros contatos internacionais, fruto de uma inovadora pesquisa que, como comentaremos, foi a origem de sua tese de livre docência. Desse modo, em 2017, após sete anos de pesquisa, defendeu o referido trabalho na Faculdade de Educação Física da Unicamp, com o título *Tecnologias elásticas - um novo paradigma para o treinamento em Ginástica Artística*, cujos resultados podem ser observados em duas publicações recentes (Bortoleto & Coelho, 2016; Bortoleto, 2018).

Em 2018, realizou seu segundo estágio de pós-doutoramento na Universidade de Manitoba (Canadá) em parceria com o Prof. Dr. Dean Kriellaars, incorporando-se a um macro projeto de pesquisa sobre as artes do circo denominado "Circo e inovação social" sediado na Escola Nacional de Circo de Montreal (Quebec, Canadá), cujos resultados já começaram a ser publicados (Kriellaars *et al.*, 2019).

Observando sua produção acadêmica, vemos que a atividade de pesquisa foi consolidando uma dupla atuação, compartilhando tempo e dedicação entre a ginástica e o circo, o que pode parecer

PALAVRAS-CHAVE

Circo; artes cênicas; universidade; ciência; pesquisa científica.

PALABRAS CLAVE

Circo; artes escénicas; universidad; ciencia; investigación científica.

KEYWORDS

Circus; performing arts; university; science; scientific research.

um percurso em dois caminhos que se distanciam, mas, como veremos ao longo da entrevista, revela uma opção que trouxe mais elementos de convergência do que divergência. De fato, a referida tese de livre docência mostra claramente como este pesquisador construiu uma profícua relação entre esses dois fenômenos seculares (Bortoleto, 2018), como o próprio já havia indicado em textos anteriores (Bortoleto, 2010).

Atualmente, é Bortoleto é professor associado do Departamento de Educação Física e Humanidades (DEFH) da Faculdade de Educação Física da Unicamp, onde coordena dois grupos de pesquisa: grupo de pesquisa em Ginástica (GPG, [<https://www.fef.unicamp.br/fe/posgraduacao/gruposdepesquisa/gpg>]) em parceria com a Prof.^a Dr.^a Laurita Schiavon; e o grupo de estudos e pesquisas das Artes Circenses (CIRCUS, [<https://www.fef.unicamp.br/fe/posgraduacao/gruposdepesquisa/circus>]), em colaboração com a historiadora Dr.^a Erminia Silva.

Cabe salientar que sua carreira internacional, o levou, dentre outras coisas, a ser eleito membro do Comitê de Ginástica para Todos (GPT 2012-2020) e da Comissão de Educação (2017-2020) da Federação Internacional de Ginástica (FIG), membro do Conselho Gestor da Plataforma de Pesquisa em Artes do Circo (CARP, [<https://circusartsresearchplatform.com>]) desde 2018, bem como membro conselheiro da Associação Ibero-americana de Escolas de Circo, desde 2011. No âmbito nacional, é membro honorário da Rede do Circo do Mundo Brasil, tendo ainda atuado como assessor em diferentes programas do governo federal e também em vários estados brasileiros.

A entrevista com o professor Marco Antonio Coelho Bortoleto mescla os dados obtidos em conversas pregressas e por vídeo conferência durante o processo de elaboração desse texto. Em síntese, trata-se de uma proposta para refletir sobre sua formação e trajetória acadêmico-profissional, dando ênfase à emergência do circo na condição de objeto acadêmico, além de analisar como os pesquisadores e as instituições brasileiras têm atuado nesse campo do conhecimento científico.

Um diálogo, que nos chamou a atenção, principalmente devido a uma formação (que se reflete em sua atuação) eclética, transitando por diferentes áreas de conhecimento: Educação Física, Artes Cênicas, Sociologia, História, Antropologia, Segurança do Trabalho e Pedagogia; buscando constante a consolidação do circo como objeto de pesquisa acadêmica; a aproximação dos artistas circenses à universidade, motivando a ampliação do debate sobre o circo e a qualificação dos processos pedagógicos. Ainda assim, combinando estudos sobre a tecnologia, segurança, ludicidade e história para alcançar uma pedagogia contextualizada e crítica do circo. Em suma, um diálogo orientado por um pesquisador que tem contribuído para dar visibilidade e robustez à produção acadêmica brasileira sobre a ginástica e, mais especificamente, no que tange à entrevista, ao circo.

Formação profissional e o encontro com o circo

Rita de Cassia Fernandes Miranda: O senhor poderia falar sobre a sua formação profissional e como se deu esta aproximação ao circo? Identifico que há neste percurso a busca constante pelo estabelecimento de parcerias, por meio de um diálogo franco e constante com a classe artística, bem como com diversas universidades tanto no Brasil como no exterior, além de outras instituições ligadas ao circo. Está correta essa interpretação?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Quanto mais planejamos, inclusive nossa carreira, mais descobrimos aleatoriedades que nos surpreendem e para as quais precisamos estar atentos, para explorá-las da melhor forma possível. Desse modo, minha trajetória como atleta, teve início numa casualidade, na observação de dois ginastas brincando num campo de futebol, num clube que eu frequentava com meu pai aos finais de semana. Obcecado por aqueles saltos, por corpos que voavam e regressavam ao solo com extrema precisão, dediquei quase dez anos aos treinamentos na Ginástica Artística (GA). Só deixei a prática da modalidade quando percebi que não tinha condições (espaço de treinamento, orientação e até mesmo talento) para ser um atleta de alto rendimento, que naquele momento era o meu desejo. Por um breve tempo, já compartilhando esforços com minha graduação, fui treinador e árbitro, sempre em nível médio.

Contudo, percebi que poderia contribuir com o esporte como pesquisador, já que as outras possibilidades (atleta, treinador e árbitro) se tornaram pouco prováveis. Foi assim que empreendi minha pesquisa de mestrado e, posteriormente, de doutorado. Aliás, estudar profundamente a GA de alto rendimento foi um empreendimento pessoal duríssimo, que me levou à Espanha por cinco anos, mas que transformou meu olhar e também minhas práticas de pesquisa e profissionais. Pude pesquisar *in situ* o cotidiano de ginastas campeões mundiais e olímpicos, como Gervasio Deffer, acompanhar de perto treinadores do mais alto nível internacional, estar próximo de inúmeros eventos e, paralelamente, ser orientado e aproximar-me de pesquisadores renomados como o Dr. Jean-François Robin, da França; o Dr. Ivan Cuk, da Eslovênia; o Dr. Monem Jemni, da Tunísia; o Dr. Keith Russell, do Canadá, entre outros. Uma experiência tão impactante que me fez duvidar se deveria regressar ao Brasil, e que me permitiu trabalhar e ser reconhecido. No entanto, vivia um dilema, uma situação que colidia com meu ideal pessoal, de trazer ao Brasil o que eu tinha aprendido no exterior para poder contribuir com o desenvolvimento do meu país.

Tudo isso mudou significativamente quando, em 2005, uma de minhas referências acadêmicas e docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp, à época, a Prof.^a Dr.^a Elizabeth Paoliello, decidiu aposentar e dois anos depois foi aberto o concurso público para sua vaga. Embora eu tenha titubeado por estar fora há anos e por ter conquistado diferentes espaços de trabalho, no final decidi participar e acabei sendo aprovado, regressando oficialmente ao Brasil em 2006, dessa vez, como docente da Unicamp. Uma honra e uma grande responsabilidade, diga-se de passagem, não somente pela importância dessa universidade no contexto brasileiro, mas também porque me tornei companheiro de importantes pensadores da Educação Física brasileira como a Dr.^a Carmen Lucia Soares; Dr. João Batista Freire; Dr. Jorge S. Pérez Gallardo; Dr. Ademir De Marco; Dr. Lino Castellani Filho; Dr. Paulo Oliveira; Dr. Jocimar Daólio, entre tantos outros, muitos dos quais tinham sido meus professores no passado.

Não obstante, por vezes de modo fortuito, em outras, intuitivo, minhas experiências com o circo, que haviam se iniciado na Unicamp quando fazia parte do grupo Ginástico da Unicamp (GGU), foram sendo alimentadas, acendendo um sentimento que me acompanhava desde criança, e que claramente a GA ajudou a manter vivo, o de estudar e conhecer em profundidade aquelas pessoas, práticas, saberes, que tanto deixam o público pasmo, boquiaberto, denominado circo. Colegas nessa aventura, hoje Dr. José Rafael Madureira (docente da Universidade Federal de Alagoas, UFAL) e o Ms. João Simão (professor da Educação Básica e músico do renomado grupo brasileiro “Barbatuques” [<https://www.barbatuques.com.br/>]) foram capitais para minha sensibilização com respeito ao circo. Na Espanha, outros personagens como o Dr. Xavier de Blas Foix (Universidade Ramon Llull) e a Dr.^a Mercè Mateu Serra (Universidade de Barcelona) compartilharam conhecimentos e muitas inquietudes na minha busca por compreender melhor essa linguagem artística que permanecia viva e presente ao longo de séculos. Por necessidade econômica e também artística, minha estância na Espanha, primeiro em Lleida e depois por mais tempo em Barcelona, possibilitou trabalhar como acrobata em diversas companhias de circo e teatro de rua e como professor de acrobacia na Escola de Circo de Barcelona (Rogelio Rivel) por vários anos. Nesse contexto, pude frequentar inúmeros festivais, convenções e seminários na área em quase duas dezenas de países na Europa, Ásia, África e América o que provocou uma revolução na minha vida pessoal, profissional e, como pode ser observado atualmente, também na minha carreira acadêmica.

Assim, pude conciliar experiências significativas no campo do esporte, especialmente na GA, e nas artes, particularmente no circo, o que me conduziu a uma jornada



Apresentação de Diabolô (Odense, Dinamarca, 2011). Foto: Svend Noe Thomassen.

intelectual que, desde o início, tinha um propósito: integrar essas práticas, naquilo que se mostrava possível, consolidar o diálogo disciplinar (entre os saberes de ontem e de hoje), a fim de empregar recursos (teóricos e metodológicos) que eu consegui desenvolver durante os quatro anos de doutorado³ e tudo o que eu continuava aprendendo após esse período.

De algum modo, a semente “antropológica” que meu ex-professor Dr. Jocimar Daólio, havia deixado cair em minhas mãos pelos idos de 1998, foi germinar com a ajuda de meu orientador, o antropólogo Dr. Carles Feixa Pampols, e de um de seus colegas de trabalho o Prof. Dr. Vincenzo Padiglioni (Universidade de Roma, Itália). Nesse sentido, alguns bons frutos, além da tese, foram colhidos (Bortoleto, 2006; Bortoleto, 2016). Por outra parte, fui atraído pela inovadora obra do pensador francês, Dr. Pierre Parlebas (2001)⁴, recebendo uma inestimável contribuição de meu outro orientador, Prof. Dr. Pere Lavega Burguês e do Prof. Dr. Francisco Lagardera Otero, ambos do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (INEFC, Espanha). Um referencial teórico que até hoje tenho buscado aprofundar e que também permitiu a produção de algumas contribuições científicas nas áreas indicadas (Mateu & Bortoleto, 2017; Bortoleto, 2017).

Alicerçado principalmente nessas áreas, fui paulatinamente consolidando um campo primário de interesse, que eu me atreveria a denominar de “pedagogia da ginástica e do circo”. Refiro-me a um conjunto de esforços acadêmicos para estudar os processos de ensino-aprendizado dessas práticas, a partir de suas lógicas particulares de funcionamento, ou melhor, “lógicas internas”, como define Parlebas (2001). Isso requer constante interlocução, algo similar a uma abordagem transdisciplinar, que combina com mais ou menos ênfase, segundo cada caso, interpretações fundadas na História, Sociologia, Antropologia, entre outras disciplinas. Além disso, busca a produção de uma “pedagogia fundamentada e rigorosa”, porém não somente vinculada ao âmbito da Educação Física, como apresentamos em publicações recentes (Bortoleto, 2016; Bortoleto, Ontañón & Silva, 2016).



Oficina de Segurança no circo. Associação de Famílias e Artistas Circenses (ASFACI, Bauru, São Paulo, Brasil, 2014). Foto: Joelma Costa.

Por fim, retomando a segunda parte da sua pergunta, e tentando ser mais direto, sim, sua observação está correta. Não consigo conceber minha atividade acadêmica, de ensino, pesquisa e extensão, sem o estabelecimento de parcerias. Essas colaborações, que exigem maior flexibilidade intelectual e institucional, têm sido fortemente apoiadas pela Unicamp, algo que preciso reconhecer. O diálogo com artistas profissionais de circo, pesquisadores das mais distintas áreas, técnicos em segurança, engenheiros, pedagogos (professores de escolas, projetos sociais entre outros) e instituições de naturezas diversas (empresas fabricantes de materiais, escolas de circo, festivais, etc.) é uma condição *sine qua non* em minha atuação profissional. Mas, imagino que falaremos de algumas dessas parcerias mais adiante.

O Circo no Brasil e sua implementação como objeto acadêmico

RCFM: O senhor poderia fazer uma breve análise do circo de ontem e de hoje, apontando as principais mudanças e a sua inserção como objeto de pesquisa no Brasil?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Sim, claro, mas não vou me estender muito, e por isso peço permissão para usar o raciocínio que fundamentou um breve texto que escrevi por razão de um debate realizado no

Festival Internacional de Circo, em São Paulo, organizado pelo prestigiado Serviço Social do Comércio (SESC) em 2014 (Bortoleto, 2015). Embora o texto apenas “arranhe” essa problemática, acredito que fornece boas pistas para futuros aprofundamentos.

Em primeiro lugar, estamos ante uma prática, o circo, que atravessou séculos, superando as mais diversas dificuldades, pois permeia as culturas da geografia internacional, com mostras de sua relevância e vivacidade na atualidade. Nesse contexto, a atividade circense no Brasil, como melhor analisa minha colega de pesquisa Dr.^a Erminia Silva, se estabeleceu em meados do século XIX, destacando-se no início do século XX e retomando, de modo significativo, espaços nesse princípio do XXI⁵. Não restam dúvidas de que o circo sob diferentes denominações, quer seja no interior das Artes Cênicas, quer no âmbito mais amplo da sociedade e, se adentrarmos ao contexto particular da Educação Física, vemos ainda um franco e deliberado cenário de disputa e relação de poderes, no qual a “cientificidade” e a “funcionalidade” da ginástica foi argumentada, afastando o circo dos espaços educativos, nomeadamente as escolas⁶. Em conjunto, vemos a construção de um olhar enviesado sobre o circo, seus praticantes (artistas ou não), suas instituições, que dificultou seu reconhecimento tanto no setor artístico, como em outros, e até mesmo na própria universidade. Haja vista que temos há décadas cursos superiores de Dança, Artes Plásticas, Música, Teatro, e não temos nenhum de Circo no Brasil (Duprat, 2014).

Esse processo começa a mudar, ainda que lentamente, a partir da década de 1980, com o crescente interesse acadêmico pelo circo, por parte de pesquisadores das artes populares, do teatro de rua, sociólogos e antropólogos das festas populares e de movimentos sociais que empregam as linguagens artísticas (Rocha, 2010). Não tardou muito, pedagogos, incluindo de forma destacada professores de Educação Física, emergem com enorme interesse para o tema, buscando sofisticar seus argumentos e, assim, garantir espaços, para o ensino do Circo nos mais distintos cenários educativos (escolas, clubes desportivos, academias de ginástica, projetos sociais e até universidades) (Bortoleto & Silva, 2017).

Em meio a tudo isso, o *boom* das escolas de circo, no Brasil e mundo afora, a instalação de cursos profissionalizantes e, mais de uma vintena de cursos superiores de circo no cenário internacional, modificou sensivelmente o pensamento, as necessidades e até mesmo as práticas e dinâmicas institucionais do circo nessas últimas quatro décadas. Cabe lembrar que a Escola Nacional de Circo, criada no Rio de Janeiro em 1985, só teve seu curso profissionalizante reconhecido pelo Ministério da Educação em 2014, após décadas de debate, e do estabelecimento de parceria formal com o Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro (IFRJ) (Santos, 2017). Não obstante, a pujante atividade das escolas profissionalizantes e superiores de circo na França, Canadá, Austrália, Bélgica, Holanda, Suécia e Finlândia, e seu impacto cultural e econômico no âmbito da indústria cultural⁷, indicam certo descaso ou até mesmo descompasso do Brasil frente à realidade internacional.

Apesar dessa “silenciosa revolução” em curso diante de nossos olhos, ainda são poucos os pesquisadores que assumem publicamente ter o circo como objeto central de sua atuação, menos ainda os grupos de pesquisa que concentram esforços nessa área. Basta uma consulta rápida na Plataforma Lattes/CNPQ (pesquisadores e/ou grupos de pesquisa) para constatar. Um cenário que não impede o avanço e o crescimento da produção acadêmica (Ontañón, Duprat & Bortoleto, 2012), mas que indica ainda dificuldades, barreiras, além de certo receio da universidade brasileira nesse setor. Um cenário particular que enfrentamos diariamente, e que tem gerado bons resultados apontando para um futuro promissor, embora ainda repleto de desafios.

RCFM: Inúmeras escolas de circo existentes no Brasil ainda operam sem o reconhecimento da formação ofertada como foi comentado. Quais possibilidades o senhor visualiza para a superação desta barreira, pois nos parece que o reconhecimento da formação (técnica e superior) contribuiria para a consolidação da arte circense no âmbito educativo. É coerente esta análise?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Coincido plenamente com sua observação, pois desde a década de 1990 as escolas de circo se multiplicaram pelo Brasil, e por muitos outros países, ampliando exponencialmente a quantidade de praticantes e professores de Circo⁸. Um fato social, para usar uma expressão *durkianiana*,

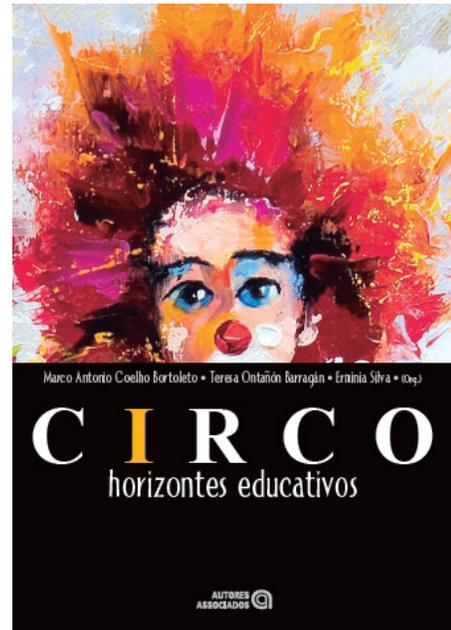
realmente novo, como sugere minha amiga historiadora Erminia Silva. Evidentemente, e como consequência direta e imediata, notamos a emergência de distintas atualizações estéticas, técnicas e tecnológicas, mas não tenho dúvidas de que o fato desse processo “converter” milhares de apreciadores em praticantes modifica radicalmente o “lugar” do circo em nossa sociedade e também o tipo de experiência que podemos ter com essa arte.

Parte destas “escolas de circo” consiste em projetos socioeducativos, que ao longo dos anos, desenvolveram uma particular e inovadora forma de ensinar o circo, denominada de “Circo Social”⁹. Cabe indicar que o Brasil é considerado referência mundial nesse setor, reunindo algumas das propostas mais sólidas e bem estruturadas, e que algumas dessas instituições deram origem à Rede do Circo do Mundo [<http://www.redecircodomundo.org.br>], hoje uma rede internacionalmente reconhecida, que mantém uma parceria com o *Cirque du Soleil*, destacando-se no debate sobre a arte, educação e transformação social. Essa vertente pedagógica tem atraído enorme atenção dos pesquisadores (Invernó, 2003; Price, 2012), e pode ser considerada uma importante fonte de inspiração para os acadêmicos brasileiros (Caramês, 2012). Posso citar novamente a parceria institucional que a Unicamp firmou com a Fundação Nacional das Artes (Funarte) que é responsável pela gestão da Escola Nacional de Circo, uma das colaborações que tem permitido a realização de diferentes ações formativas e de pesquisa nos últimos anos. Do mesmo modo, outro termo de cooperação firmado com o respeitado Instituto de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA, Mogi Mirim, São Paulo, [<https://www.projetoica.org.br/>]), oportunizou maior trânsito entre os estudantes e pesquisadores da Unicamp e arte-educadores que atuam em realidades que costumam estar distantes das atividades oferecidas nos espaços universitários. Outros convênios de cooperação foram firmados com organismos públicos e privados nos últimos anos, ampliando o impacto social do trabalho realizado por nós na Unicamp. Entendo, pois, que cooperações como essas representam bons exemplos de união de forças, de intercâmbio de saberes e, em conjunto, têm oxigenado nossas produções científicas no campo pedagógico.

Por outro lado, essas recentes inserções do circo na sociedade contemporânea, particularmente na brasileira, vêm fomentando maior sensibilização governamental e também entre as universidades, mostrando que o circo em suas múltiplas intersecções (artística, social, educacional, terapêutica, ...) é sim, um objeto relevante para a ciência.

O recente reconhecimento do curso oferecido pela Escola Nacional de Circo (ENC) no âmbito do ensino técnico-profissionalizante, como já mencionado, representou um importante avanço. Não obstante, é preciso estruturar e reconhecer outros cursos que obviamente tenham características adequadas às normas nacionais para então almejarmos a consolidação do circo como uma real opção de carreira profissional-artística, como já ocorre com outras linguagens (Dança, Teatro, Música, por exemplo). Um longo caminho, que esbarra, entre outras coisas, num olhar retrógado e, frequentemente, inadequado acerca do circo e do seu papel na sociedade contemporânea.

Temos ainda um grande desafio no sentido do reconhecimento e, se possível, num segmento mais cuidadoso, positivo dos inúmeros cursos livres e outras atividades formativas oferecidas, de modo que possamos ter maior qualidade pedagógica, mais segurança e, ainda, maior desenvolvimento artístico e tecnológico. E isso será viável e impactante, se houver maior sinergia entre artistas (associações, companhias, festivais, etc.),



Capa do livro *Circo: horizontes educativos*, 2016, Editora Autores Associados.

universidades e governos (municipais, estaduais e federais).

De fato, arrisco-me a dizer que, embora a quantidade de eventos circenses tenha crescido exponencialmente, tenho a impressão (subjetiva e fundada no que tenho acompanhado) que não há efetivo reflexo desse movimento social na qualidade artística circense brasileira, o que poderia explicar a frequente migração de artistas (especialmente jovens) para o exterior, e uma forte aposta em formação em escolas estrangeiras, bem como em viabilizar e destacar a presença de artistas e companhias internacionais nos eventos nacionais.

Finalmente, se seguirmos os exemplos de países como França, Canadá, Austrália, Reino Unido, Bélgica, Suécia, Finlândia, entre outros, e conseguirmos oferecer em breve um curso superior de circo no Brasil, poderíamos então ter, em médio prazo, o aprofundamento e a consequente qualificação das aproximações pedagógicas que o circo vem realizando em diferentes espaços educacionais. Mais adiante falarei de um projeto que venho realizando em parceria com pesquisadores canadenses que ilustra melhor esse movimento recente e ainda “invisível” para a maior parte das universidades brasileiras.

RCFM: Há mais de uma década, após muitos debates e militância de vários artistas e pesquisadores, ocorreu a inclusão da “pesquisa” em diversos editais públicos de circo tanto em nível federal, como estadual e municipal, embora quase sempre com menos recursos se comparado a outros “módulos/categorias” dos editais. Porém, a partir de 2014, a maioria desses editais iniciaram um debate e, mesmo em meio a tensões, muitos deles julgaram ser desnecessário seguir fomentando a pesquisa. Como o senhor vê essa situação e de que forma tem atuado em conjunto com o seu grupo de pesquisa?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Certamente trata-se de um assunto “espinhoso”, e que merece uma análise cuidadosa. Embora tenhamos debatido a temática em diferentes seminários acadêmicos nos últimos anos, e também em outras tantas reuniões com gestores e políticos, nunca conseguimos o convencimento necessário de nenhum lado de que a “pesquisa” é parte fundamental do processo artístico. Antes de seguir, preciso dizer que entendemos (eu e o grupo com o qual pesquiso) que pesquisa abrange questões artísticas (estéticas, dramáticas, etc.), bem como tecnológicas, pedagógicas, históricas, enfim, não podemos reduzir a pesquisa à atividade realizada no interior das universidades sob a autodenominação de científica. De fato, para a pesquisa acadêmica ter sentido, ela precisa dialogar com todos esses aspectos, e não permanecer “flutuando” quase sem contato com a realidade. Retomando, você tem razão, a maior parte dos editais deixou de contemplar a pesquisa, especialmente quando houve maior restrição orçamentária. E tem mais assertividade, quando diz que o circo tem sido desprestigiado e secundarizado pelos dispositivos de financiamento (públicos e privados), uma ação que contribui para a manutenção da distorcida visão acerca dessa arte como forma de “entretenimento” de segunda importância.

Evidentemente, sentimos a ausência desse tipo de financiamento, e temos buscado outras formas, incluindo nelas as agências de fomento à pesquisa científica, e parcerias com organizações privadas. Certamente, o financiamento ainda é um “gargalo” para nossa atividade, e quando comparo com o que meus colegas têm obtido no Canadá, por exemplo, sinto-me envergonhado. Cito esse exemplo, pois há dois anos tenho colaborado diretamente no desenvolvimento de um projeto que envolve diversas universidades e instituições canadenses (Universidade de Manitoba, Universidade McGill, *Cirque du Soleil*, Escola Nacional de Circo de Montreal, etc.)¹⁰ e as condições financeiras são superiores, permitindo regularidade, qualidade e maior impacto das pesquisas. Governo, empresas, universidades e artistas canadenses mostram engajamento e capacidade colaborativa que não consigo observar no Brasil, e isso tem crescido em muitos países (Suécia, Finlândia, França, Alemanha, para indicar alguns exemplos). Entretanto, nós seguimos patinando, avançando muito menos do que poderíamos.

Talvez um projeto recente que pode ser destacado, tenha sido o Programa Artista Residente, que desenvolvi em parceria com meu falecido colega Prof. Dr. Mario Santana, do Instituto de Artes da Unicamp (Matheus & Bortoleto, 2015). Em 2014, pela primeira vez, após mais de dez anos de existência do programa em nossa universidade, conseguimos que o mesmo fosse para o circo, permitindo recursos para financiar a contratação de um diretor de circo por cinco meses, com uma missão: desenvolver um espetáculo. E assim

foi feito, tendo Rodrigo Matheus na direção e o espetáculo *Simbad, que conheceu o mundo* (inspirado no clássico *Simbad – o marujo* de Antoine Galland)¹¹, como produto de um processo que envolveu quatorze estudantes da Unicamp e outros quatro colaboradores na equipe técnica.

Pesquisas e desafios atuais

RCFM: A partir dos anos 2000, a produção acadêmica sobre o circo vem crescendo de forma exponencial. O senhor poderia situar o andamento de suas pesquisas mais recentes bem como o estabelecimento de parcerias com outras instituições no Brasil e no mundo?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Concordo com sua análise, e segundo nosso “monitoramento” a pesquisa científica sobre o circo vem aumentando em quantidade e, acredito, também em qualidade (Rocha, 2010; Ontañón, Duprat & Bortoleto, 2012). Por conseguinte, se há duas décadas, nosso maior trabalho era “minerar” publicações, documentos, fontes, hoje já notamos alguma dificuldade para acompanhar o avanço da produção nacional ou internacional. Embora esse seja um “bom problema”, precisamos estar alertas para organizar esse conhecimento, analisar essa produção e fundamentá-la com o objetivo de produzir novos e efetivos avanços nessa área. Iniciativas como o repositório “Circonteúdo” [<http://www.circonteudo.com.br>] são muito bem-vindas e o mesmo podemos dizer do *Circus Arts Research Platform* (CARP, [<https://circusartsresearchplatform.com/>]), que ainda opera basicamente com produções em inglês e francês.

Em particular, nossas pesquisas têm combinado distintos aspectos do circo, dentre eles os pedagógicos (Bortoleto, 2011), históricos (Lopes & Silva, 2018), de segurança (Ferreira, Bortoleto & Silva, 2015) e tecnológicos. Atevo-me a destacar uma das linhas sobre a qual temos investigado incisivamente: o ensino do circo em espaços educativos, principalmente nas escolas de ensino fundamental. Empreendemos um conjunto de estudos de casos (Barragán & Bortoleto, 2014; Cardani *et al.* 2017; Takamori *et al.* 2010; entre outros) que, em conjunto com outros estudos recentes, revelam um forte crescimento do ensino do circo e uma receptividade extremamente positiva por parte de docentes e alunos, resultado esse que traz certo alento para muitos pedagogos, considerando a crise que assola a educação brasileira de modo geral. A apatia educacional é um problema conhecido e amplamente estudado. Embora existam críticas bem estruturadas e argumentadas, parece-me que precisamos de criatividade e novas ideias para modificar esse panorama; e o circo tem se mostrado uma possibilidade interessante. Para isso, precisamos ampliar e alinhar a formação (inicial e continuada) oferecida nas universidades brasileiras¹².

Permita-me abrir um parêntese, e comentar um caso que tenho acompanhado e que serve como um exemplo interessante¹³. A Escola Nacional de Circo de Montreal (Canadá, <http://ecolenationaledecirque.ca/en>), reconhecidamente como uma das mais importantes do mundo, combina em sua estrutura operativa professores de altíssimo gabarito, bem como distintos profissionais (fisioterapeutas, gestores, bibliotecários, etc.) permitindo uma formação artística invejável. Nela, diferentes pesquisadores (historiadores, dramaturgos, engenheiros, médicos, pedagogos, etc.) atuam em todo o processo, buscando fomentar criatividade e inovação constantemente. Além disso, há um programa formativo especialmente elaborado para estudantes secundaristas (*high school*) que possibilita uma “educação corporal e circense” quase única, ao ponto de observarmos que muitos desses estudantes apontam o circo como uma real e desejada carreira profissional, algo incomum numa sociedade como a nossa, e ainda com fortes preconceitos com respeito ao circo. Saliento que há ainda programas regulares para crianças e jovens (4-14 anos) facilitando o acesso, pois ampliam a base formativa e cativam novas gerações com uma pedagogia robusta, além de infraestrutura para a prática que ainda sonhamos no Brasil. No melhor dos cenários imaginados, seria como se colocássemos o ICA, a Escola Nacional do Rio de Janeiro (ENC) e a Unicamp (com a ajuda de muitos outros pesquisadores), num mesmo lugar, atuando em prol de um único processo: formar artistas circenses de qualidade e contribuir para o inequívoco reconhecimento do circo no campo da arte contemporânea (Leroux & Batson, 2016).

Para finalizar esse tema, acho que no meu pequeno espaço de atuação, um desejo permanente é o de seguir atraindo alunos para o programa de pós-graduação pós-graduação (mestrado, doutorado), manter

uma base na iniciação científica com alunos da graduação, buscando atuar cada vez mais “multi” e “transdisciplinarmente”, algo que já fazemos bem. Para isso, os distintos projetos de extensão universitária e comunitária possuem espaço central e relevante (artigos extensão), assim como a manutenção da colaboração direta com artistas, companhias e instituições circenses, de modo a manter-nos em sintonia com relação à produção artística e científica contemporânea. Para isso, devo confessar que falta ainda muita infraestrutura, financiamento regular, e, atrevo-me a dizer, conquistar mais confiança entre nossos colegas na universidade.

RCFM: Poderia falar um pouco mais a respeito da aproximação à Espanha, inclusive sobre a patente que o senhor desenvolveu para treinamento de acrobatas em parceria com outro pesquisador espanhol?

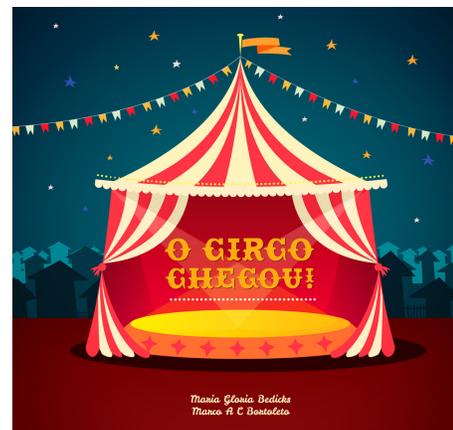
Marco Antonio Coelho Bortoleto: Entendo que o fato de ter realizado meu doutorado na Espanha e vivido nesse país por cinco anos, não somente permitiu o estabelecimento de uma enorme rede de contatos acadêmicos, mas também um envolvimento profissional, pessoal e, por que não, afetivo, com a Espanha e com os espanhóis. Em 2011, fui professor visitante na Universidade de A Coruña, a convite das professoras Dr.^a Marta Bobo e Dr.^a Cristina Lopez Villar. Entre 2013 e 2017 colaborei num projeto coordenado pelo Prof. Dr. José Hernández Moreno (Universidade de Las Palmas de Gran Canárias), por meio do qual analisamos currículos de cursos superiores de Educação Física em Portugal, Espanha e em mais de uma dezena de países latino-americanos (Damian *et al.*, 2018). E, de forma mais continuada, desde meus tempos de doutorado, continuo colaborando com a Dr.^a Mercè Mateu (Universidade Barcelona) e ampliando nossos debates sobre o circo, fundamentados na teoria proposta pelo francês Dr. Pierre Parlebas (Mateu & Bortoleto, 2017). Ademais, cabe indicar a presença de Teresa Ontañón Barragán, egressa da Universidade Complutense de Madri, e que realizou o mestrado e doutoramento na Unicamp sob minha orientação, fato que reforçou nossas colaborações com a Espanha e também o nosso diálogo com outros companheiros latino-americanos (Ontañón, Bortoleto & Silva, 2013).

E, agora sim respondendo a sua pergunta, a parceria com o Dr. Francisco León Guzman da Universidade de Extremadura (UEX), é sem dúvida uma ação que merece destaque. Durante quatro anos, trabalhamos no desenvolvimento de um dispositivo que pudesse facilitar o treinamento de acrobatas (tanto no campo da ginástica como do circo) (Casimiro, León Guzman, & Bortoleto, 2015), um projeto que incluiu duas bolsas de iniciação científica na Unicamp e um “Master” na UEX após um estágio de dois estudantes daquela instituição em nossa Faculdade de Educação Física. A referida tecnologia teve seu registro de patente reconhecida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPE) no Brasil, e pela *Oficina Española de Patentes y Marcas* (OEPM), após um longo processo (2014-2017) que teve o importante suporte da Agência de Inovação da Unicamp (INOVA). Essa tecnologia está sendo utilizada em diversas escolas de circo e, sem dúvida alguma, representa um avanço para o planejamento e monitoramento do treinamento acrobático.

Desafios e projetos futuros

RCFM: O senhor poderia falar acerca de seus projetos futuros e de que forma a atuação como docente universitário tem possibilitado enfrentar os desafios para a consolidação científica do circo no Brasil?

Marco Antonio Coelho Bortoleto: Obrigado por essa oportunidade. Sempre é positivo refletir e comunicar o que realizamos no interior da universidade. Digo, com certo orgulho, e também cuidado, pois temos diversos projetos em andamento e que certamente contribuirão para um melhor entendimento do circo por parte da sociedade. Estamos, por exemplo, olhando com atenção a implementação das atividades circenses para crianças, no âmbito da Educação



Capa do livro *O circo chegou!*, 2014. Ilustração Leonardo Malachias.

Infantil, analisando criteriosamente a literatura infantil e como ela vem tratando o circo, algo que deve ser publicado em breve uma vez que já foi submetido para uma revista no âmbito da educação. Nesse sentido, desenvolvemos um livro infantil denominado *O circo chegou!* com base em nossas pesquisas (históricas e pedagógicas), roteirizado na produção de artistas circenses brasileiros “reais”, e que já foi traduzido para seis idiomas, incluindo espanhol e inglês, tendo ainda uma versão em audiolivro. Tudo disponível on-line e gratuitamente [<http://www.circonaescola.com.br/livro>].

Por outra parte, decidimos dar continuidade aos estudos sobre a implementação do circo na escola, objeto de nossas análises desde 2003, além de termos criado uma disciplina no curso de graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp sobre a temática (EF962), visando garantir uma formação mínima sobre o assunto. A referida disciplina recebe estudantes dos mais diferentes cursos da Unicamp (Sociologia, Artes Cênicas, Pedagogia, Música, Arquitetura, etc.) bem como de outras várias universidades, criando importante espaço de diálogo com artistas circenses e problemáticas contemporâneas da área. Em 2017, finalizamos as observações em quatro escolas brasileiras de ensino fundamental, outras quatro foram acompanhadas em 2018, e duas mais em 2019, instituições bem distintas geográfica e socialmente. Um prolongando esforço que busca compreender esse fenômeno de modo rigoroso.

Estamos ainda mais entusiasmados, pois o projeto que já comentamos coordenado pelo Dr. Dean Kriellaars (Universidade de Manitoba, Canadá), integra essa linha de pesquisa, permitindo-nos futuras comparações *cross-cultural*. Entendo então, que estamos diante de um verdadeiro salto de qualidade nas pesquisas científicas nessa área do conhecimento, e apenas precisamos seguir firmes.

Parece-me, por fim, que o adensamento de nossas pesquisas e a consequente qualificação das produções (livros, artigos, espetáculos, etc.) estão relacionados, a consolidação de nossas parcerias científicas (nacionais e internacionais) vislumbrando um futuro ainda melhor para nosso grupo de pesquisa e também outros colegas “aventureiros” que encontraram no circo um objeto de estudo fascinante, e que se revela potencialmente positivo para o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Espero então, poder seguir atuando, guiado pelo espírito do trabalho compartilhado, da ação coletiva, e, portanto, colaborativo como analisa Himanen (2001) e da coletividade, fazendo alusão ao pensamento sociológico de Richard Sennett (2012), que tem orientando fortemente meu trabalho.



Oficina de Pedagogia do circo. Escola Internacional de Circo SALTO (Porto, Portugal, 2019). Foto: Tiago Maia.



Mesa redonda. Inovação e circo, realizada no IV Seminário Internacional de Circo (Unicamp, Brasil, dezembro de 2018), com Patrice Aubertin (Escola Nacional de Circo de Montreal, Canadá). Foto: Tatiana Plens.

NOTAS

¹ Unesco. *The Corrier*, janeiro de 1988. Recuperado de [<http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000770/077050eo.pdf>]. Outros reconhecimentos nacionais do circo como parte do Patrimônio intangível da cultura, elencados pela Associação Europeia de Circo [<http://www.europeancircus.eu>].

² De fato, o GGU tem como uma de suas principais características promover o intercâmbio, nacional e internacional, gerando um movimento entre seus integrantes com significativo impacto nas trajetórias profissionais e acadêmicas, muitos deles no âmbito internacional (Paoliello *et al.*, 2014).

³ A tese pode ser consultada em [<https://tdx.cat/handle/10803/8200>].

⁴ Consequentemente, ao pensamento sistêmico (Bertalanfy, 1976), como enfatizou o Prof. Bortoleto durante a entrevista.

⁵ Para maior aprofundamento nesse tema o entrevistado sugeriu algumas indicações bibliográficas: Silva & Abreu (2009); Castro (2005) e Silva (2007).

⁶ Uma problemática que tem chamado atenção de diversos historiados (Vigarello, 1988; Soares, 2002; Hauffe & Góis Junior, 2014).

⁷ Cabe indicar, por exemplo, que o *Cirque du Soleil*, empresa cuja atividade principal é o desenvolvimento de espetáculos circenses, tornou-se umas das maiores empresas multinacionais no setor do entretenimento. Para maiores esclarecimentos ver Heward, Lyn & Bacon, 2006. Ademais, relatórios recentes do governo francês relatam o circo como a arte com maior crescimento em geração de trabalho e divisas naquele país. Um fato que foi amplamente experimentado em diferentes países do mundo no século XX, período que o circo mostrou, várias vezes, ser tão ou mais popular e atrativo que outras linguagens ou formas de espetáculo (Silva, 2007; Jacob, 2016).

⁸ Foram indicadas as seguintes leituras: Guy (2001), Wallon (2008), Duprat (2014) e Silva (2011).

⁹ Um fenômeno analisado pelo pesquisador italiano radicado no Brasil, Fabio Dal Gallo, da Universidade Federal da Bahia (Dal Gallo, 2010).

¹⁰ Denominado “*Introduction of circus arts and its impact on physical literacy, creativity and resilience*”.

¹¹ Entrevista com Rodrigo Matheus (TV Unicamp). Recuperado de [http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=RXHX237G664H]. Espetáculo recuperado de [<https://www.youtube.com/watch?v=xPvkIM9M94w>].

¹² O entrevistado mencionou pesquisas recentes sobre a importância do circo no campo educativo (Ontañón, Silva & Bortoleto, 2013; Hotier, 2003), bem como sobre a formação inicial em Educação Física e Pedagogia (Fernandes & Bortoleto, 2014; Miranda & Ayoub, 2017; Miranda & Bortoleto, 2018; Tucunduva, 2015).

¹³ O entrevistado indicou ter colaborado como pesquisador residente no *Center for Circus Arts Research, Innovation and Knowledge Transfer* (CRITAC), coordenado pelo especialista em tecnologia Patrice Aubertin, buscando o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas em um projeto que tem como objetivo contribuir com a inovação social e o fomento da criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barragán, T. O., & Bortoleto, M. A. C. (2014). Todos a la pista: el circo en las clases de educación física. *Apunts*, 115, 37-45.
- Bertalanfy, L.V. (1976). *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Bortoleto, M. A. C. (2010). A ginástica e as atividades circenses. In A. Freitas, R. Gaio, & J. Freitas. *A ginástica em questão: corpo e movimento* (pp. 139-151). São Paulo: Phorte.
- Bortoleto, M. A. C. (2006). Jóvenes latinos y Circo. In C. F. Pampols, Porzio L., & C. Recio (Org.). *Jóvenes latinos en Barcelona: espacio público y cultura urbana* (pp. 267-274). Barcelona: Editorial Anthropos.
- Bortoleto, M. A. C. (2015). The circus on the periphery of the Brazilian university. In SESC - São Paulo. (Org.). *Circos - Festival Internacional Sesc de Circo* (pp. 24-31). São Paulo: SESC.
- Bortoleto, M. A. C. (2017). Um encontro entre o funâmbulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. In L. A. Ferreira, & G. N. S. Ramos (Org.). *Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais* (pp. 55-80). Curitiba: CRV.
- Bortoleto, M. A. C. (2016) Jovens deportistas: corda frates - un estudio sobre un gimnasio en Cataluña. In C. Feixa, P. Oliart. (Org.). *Juvenopedia: mapeo de las juventudes iberoamericanas*. (1ª ed., vol. 1, pp. 61-70). Barcelona: NED Ediciones.
- Bortoleto, M. A. C. (2018). The impact of elastic technologies on Artistic Gymnastics? A special case study from Brazil (pp. 266-277). In J. Monem (Ed.). *The Science of Gymnastics: advanced concepts* (2ª ed.) Londres: Routledge.
- Bortoleto, M. A. C., & Coelho, T. F. (2016). Men's artistic gymnastics: is the use of elastic surfaces systematic in the training process? *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30, 51-59.
- Bortoleto, M. A. C.; Peixoto, C. (2014). Qualitative video analysis as a pedagogical tool in artistic gymnastics. In L. Shiavon, T. Heinen, M. A. C. Bortoleto, M. Nunomura, & E. Toledo (Org.). *High Performance Gymnastics* (pp. 99-116). Hildesheim: Arete Verlag.
- Bortoleto, M. A. C., Ontañón, T. B., & Silva, E. (2016). *Circo: horizontes educativos* (1ª. ed). Campinas: Autores Associados.
- Bortoleto, M. A. C., & Silva, E. (2017). Circo: Educando entre as gretas. *Rascunhos-Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, 4(2), 104-117.
- Caramês, A. et al. (2012) Atividades Circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. *Motrivência*, 39, 177-185.
- Cardani, L. T. et al. (2017). Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 25(4), 128-140.
- Casimiro, F. G., León Guzman, F., & Bortoleto, M. A. C. (2015). KIMARTOP: Sistemas de entrenamiento innovador de gimnasia acrobática. *Revista de Ciencias del Deporte*, 11, 173-175.
- Castro, A. V. de (2005). *O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos.
- Dal Gallo, F. (2010) A renovação do circo e o circo social. *Repertório: Teatro & Dança*, 13(15), 25-29.
- Damian, S., Silva, L.; Ribas, J. F. M., Bortoleto, M. A. C., Moreno, J. H. (2018). Análisis del currículo de la formación de los docentes de Educación Física en Brasil a la luz de la Praxiología motriz. *Revista Acción Motriz*, 20,47-61.
- Duprat, R. M. (2014). *Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Fernandes, R. C., & Bortoleto, M. A. C. (2014). Saberes e práticas circenses: analisando os currículos dos cursos de pedagogia das universidades públicas paulistas. *Revista Ensaio Geral*, 3, 75-89.
- Ferreira, D., Bortoleto, M. A. C., & Silva, E. (2015). *Segurança nas artes do circo: Questão de prioridade*. Várzea Paulista, SP: Fontoura.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (3ª ed.). São Paulo: Ed. Cortez & Moraes.
- Guy, J-M. (2001). *Avant-garde cirque!: les arts de la piste en révolution*. Paris: Autrement.
- Hauffe, M. K., & Gois Junior, E. (2014). A educação física e o funâmbulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e início do século XX). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(2), 547-559.
- Heward, L., & Bacon, J. U. (2006). *Cirque du Soleil - The spark: igniting the creative fire that lives within us all*. Nova York: Currency Doubleday.
- Himanen, P. (2001). *The hacker ethic and the spirit of the information age*. Nova York: Random House.
- Hotier, H. (2003). (Org.) *La fonction educative du cirque*. Paris: Harmattan.
- Invernó, J. (2003). *Circo y educación física: otra forma de aprender*. Barcelona: INDE Publicaciones.

- Jacob, P. (2016). *Une histoire du Cirque*. Seul: BnF Éditions.
- Krielaars, DJ., Cairney, J., Bortoleto, M. A. C., Kiez, Tkm, Dudley, D., Aubertin, P. (2019). The impact of circus arts instruction in Physical Education on the physical literacy of children in grades 4 and 5. *Journal of Teaching in Physical Education*, 38(2), 162-170.
- Leroux, L. P., & Batson, C. R. (2016). *Cirque Global - Quebec's Expanding Circus Boundaries*. Montreal: McGill Press.
- Lopes, D. de C., & Silva, E. (2018). A contemporaneidade da linguagem circense no Rio de Janeiro do século XIX. *ILINX - Revista do Lume*, 13, 12-24.
- Mateu, M., & Bortoleto, M. A. C. (2017). La lógica interna del circo: rasgos fundamentales. In J. F. M. Ribas. (Org.). *Praxiologia Motriz na América Latina - aportes para a didática na Educação Física* (pp. 49-76). Ijuí: Unijui.
- Matheus, R., & Bortoleto, M. A. C. (2015). O processo de elaboração do espetáculo *Simbad*, que conheceu o mundo? Programa artista residente circo - Unicamp. *ILINX - Revista do LUME*, 10, 1-14.
- Miranda, R. C. F., & Ayoub, E. (2017). Por entre as brechas dos muros da universidade: o circo como componente curricular na formação inicial em educação física. *Revista Portuguesa de Educação*, 30(2), 59-87.
- Miranda, R. C., & Bortoleto, M. A. C. (2018). O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(1), 39-45.
- Ontañón, T. B., Bortoleto, M. A. C., & Silva, E. (2013). Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. *Revista Iberoamericana de Educación*, 62, 233-243.
- Ontañón, T. B., Duprat, R. M., & Bortoleto, M. A. C. (2012). Educação física e atividades circenses: "o Estado da arte". *Revista Movimento*, 18(02), 149-168.
- Paoliello, E., Toledo, E. de, Ayoub, E., Bortoleto, M. A. C., & Graner, L. P. (2014) *Grupo Ginástico Unicamp 25 anos*. Campinas: Unicamp.
- Parlebas, P. (2001). *Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad*. Barcelona: Editorial Paidotribo.
- Price, C. (2012). Circus for Schools: Bringing a Circus Arts Dimension to Physical Education. *PHEnex Journal/ Revue phénEPS*, 4(1), 1-9.
- Rocha, G. (2010) O circo no Brasil – o estado da arte. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 70, 51-70.
- Santos, C. A. dos. (2017). *Fascínio Circense. Arte e Pedagogia na Escola Nacional de Circo*. Belo Horizonte: Editora Rona.
- Sennett, R. (2012). *Together: The Rituals, Pleasures and Politics of Cooperation*. New Haven: Yale University Press.
- Silva, E. (2007). *Circo-teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo: Altana.
- Silva, E. (2011). *O novo está em outro lugar. Palco Giratório: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 12-21.
- Silva, E. & Abreu, L. A. (2009). *Respeitável público...O circo em cena*. Rio de Janeiro: Funarte.
- Soares, C. L. (2002). *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Takamori, F. S. et al. (2010). Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: Um relato de experiência. *Revista Pensar a Prática*, 13(1), 1-16.
- Tucunduva, B. B. P. (2015). *O circo na formação inicial em educação física: Inovações docentes, potencialidades circenses*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Vigarello, G. (1988). *Une Histoire culturelle du sport. Techniques d'hier... et d'aujourd'hui*. Paris: R. Laffont - Revue EPS.
- Wallon, E. (Org.) (2008). *O circo no risco da arte* (título original *Le cirque au risqué de l'art*). Belo Horizonte: Autêntica.